

doi <https://doi.org/10.5335/srph.v24i2.16978>

Narrativas da renúncia: biografia e construções políticas da imagem de Jânio Quadros

Narrativas de la renuncia: biografía y construcciones políticas de la imagen de Jânio Quadros

Narratives of resignation: biography and political constructions of Jânio Quadros' image

LUIS EDUARDO BOVE DE AZEVEDO¹  

Resumo: O presente artigo analisa as diferentes narrativas constituídas em torno da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República, em 1961, com foco nas interpretações biográficas e na construção de sua imagem pública. O estudo identifica duas perspectivas principais sobre a renúncia: a primeira, marcada pela incapacidade de Jânio governar ante uma estratégia para obter mais poder. Paralelamente, investigam-se as abordagens que levaram em consideração a construção da imagem de Jânio enquanto um político diferenciado, moderno e com discursos de anticorrupção, amplamente propalados em suas campanhas políticas. O artigo busca explorar, ainda, a relação entre as interpretações da renúncia e as estratégias de consolidação de sua imagem, buscando compreender um momento crucial da história política brasileira no século XX.

Palavras-chave: Biografia. Imagem Pública. Renúncia de Jânio Quadros.

Resumen: El presente artículo analiza las diferentes narrativas constituidas en torno a la renuncia de Jânio Quadros a la Presidencia de la República en 1961, centrándose en las interpretaciones biográficas y en la construcción de su imagen pública. El estudio identifica dos perspectivas principales sobre la renuncia: la primera, marcada por la incapacidad de Jânio para gobernar frente a una estrategia para obtener más poderes. Paralelamente, se investigan los enfoques que tomaron en consideración la construcción de la imagen de Jânio como un político diferenciado, moderno y con discursos anticorrupción, ampliamente difundidos en sus campañas políticas. El artículo busca explorar, además, la relación entre las interpretaciones de la renuncia y las estrategias de consolidación de su imagen, buscando comprender un momento crucial de la historia política brasileña en el siglo XX.

Palabras clave: Biografía. Imagen Pública. Renuncia de Jânio Quadros.

Abstract: This article analyzes the different narratives constructed around Jânio Quadros' resignation from the Presidency of the Republic in 1961, focusing on biographical interpretations and the construction of his public image. The study identifies two main perspectives on the resignation: the first, marked by Jânio's inability to govern versus a strategy to obtain more power. In parallel, the approaches that considered the construction of Jânio's image as a differentiated, modern politician with widely propagated anti-corruption discourses in his

¹ Bacharel e Licenciado (2017) em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Franca). Mestre (2022) em História e Cultura Social pela mesma instituição. Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP (2024). Doutorando em História e Cultura Social pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP Franca.

political campaigns are investigated. The article also seeks to explore the relationship between the interpretations of the resignation and the strategies for consolidating his image, aiming to understand a crucial moment in 20th-century Brazilian political history.

Keywords: Biography. Jânio Quadros' Resignation. Public Image.

Considerações iniciais

A trajetória política de Jânio Quadros foi marcada por uma ascensão considerada meteórica e por um estilo único de governar. No entanto, um dos momentos mais importantes dessa trajetória foi interrompido de maneira abrupta com a sua renúncia à Presidência da República, ocorrida em 25 de agosto de 1961 (Fico, 2016, p. 42-43). Esse evento em particular ressoou de forma intensa no cenário político brasileiro e permanece, até os dias atuais, como objeto de distintas interpretações e análises.

O presente artigo¹ se propõe, neste sentido, a analisar as narrativas constituídas em torno da renúncia de Jânio Quadros, tomando como foco principal as obras que se inserem no gênero biográfico e aquelas que se dedicaram e ainda se dedicam à compreensão da construção de sua imagem pública.

Com relação aos estudos biográficos sobre Jânio Quadros, é possível identificar duas perspectivas distintas de interpretação acerca de sua renúncia, as quais serão discutidas detalhadamente mais adiante neste trabalho: a primeira delas atribui o ato à incapacidade do ex-presidente em conciliar a administração do país com as dinâmicas do Congresso Nacional, somada a uma suposta fragilidade emocional e problemas psicológicos que o teriam levado à “loucura” e, por conseguinte, à incapacidade de governar.

Tal visão, conforme apontam as obras aqui analisadas, foi frequentemente adotada por seus oponentes políticos. Em contrapartida, a segunda abordagem investigada interpreta a renúncia de Jânio como um movimento estratégico e arquitetado pelo político. Nessa perspectiva, Jânio teria renunciado, justamente no Dia do Soldado (25 de agosto), com o objetivo de sensibilizar as Forças Armadas e estabelecer uma forte pressão – civil e militar – sobre o Congresso Nacional, que se mostrava resistente à aprovação de seus projetos.

Essa segunda interpretação está presente entre as teses que defendem uma tentativa de golpe de Estado arquitetado por Jânio (Priore; Venancio, 2010, p. 270). As evidências defendidas por essa interpretação seriam, conforme serão apresentadas mais adiante, o envio do vice-presidente da República, João Goulart, a uma missão diplomática na China, dias antes da renúncia, bem como a existência da carta-renúncia de Jânio, entregue previamente ao

Ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, com a suposta intenção de ser divulgada à imprensa, antes mesmo de sua leitura no Congresso Nacional.

Conforme essa interpretação reforça, a aceitação imediata da renúncia pelo Congresso e a consequente posse do presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, no entanto, teriam frustrado os planos de Jânio Quadros (Fico, 2016, p. 42), sendo esta a visão que se configura como a mais recorrente e presente nas biografias analisadas.

No que se refere aos autores perscrutados, Nelson Valente, um dos principais escritores sobre Jânio Quadros, concorda com a tese da renúncia do político como uma estratégia para que ele obtivesse mais força e poder, ecoando um desabafo tardio do político e que estaria presente em obra de Jânio Quadros Neto, pouco antes de seu falecimento. Valente chega a refutar a ideia de que tal ato tenha sido um gesto impulsivo, mencionando que a carta-renúncia estava em posse do ministro Horta desde o dia 20 de agosto de 1961.

Em outras ocasiões, no entanto, Valente (2002) apresenta uma visão de Jânio como o próprio “salvador da pátria”, tendo renunciado devido à impossibilidade de governar o país com a existência de um Congresso fortemente hostil às suas propostas. Por meio dessa óptica, o Brasil teria perdido uma grande oportunidade, conforme Valente (2002, p. 147) enuncia, de ter se desenvolvido, resultado da renúncia – prontamente aceita – de um “patriota corajoso”. Valente argumenta que a única alternativa a Jânio, diante da obstrução constitucional, seria a efetivação de um golpe de Estado, o que ele teria evitado por defender os chamados “princípios democráticos”.

Na obra *Jânio Quadros: memorial à história do Brasil*, de Jânio Quadros Neto e Eduardo Lobo Gualazzi, percebe-se outra perspectiva relevante. Ao narrar a trajetória do avô de um dos autores, Quadros Neto e Gualazzi (1996) relatam uma conversa na qual o ex-presidente teria afirmado que o envio de João Goulart à China seria, de fato, parte de um plano para que ele não assumisse o cargo após sua renúncia. Jânio teria, de acordo com os autores (Quadros Neto; Gualazzi, 1946), acreditado que esse evento provocaria uma reação popular e militar capaz de reconduzi-lo ao poder, dada a resistência da elite brasileira a João Goulart e seu alinhamento com os setores trabalhistas.

Os autores (Quadros Neto; Gualazzi, 1996) interpretam essa narrativa como a evidência de que Jânio renunciou com o intuito de dar um golpe e retornar com mais força política, mas a falta de apoio popular teria frustrado seus planos. Eles também mencionam a interpretação de uma “renúncia-deposição”, ordenada pelas chamadas “forças terríveis”

(difícilmente evidenciadas, mas denunciadas por Jânio na carta-renúncia), que buscavam acabar com o governo Quadros, de acordo com os autores, devido ao seu estilo de governar de maneira independente do Legislativo. De acordo com Quadros Neto e Gualazzi (1996), portanto, a renúncia seria uma tentativa de Jânio se consagrar na presidência e reduzir a interferência do Congresso, com a intenção de convocar novas eleições, caso retornasse ao poder. Moniz Bandeira (1979) também se insere na perspectiva da renúncia como golpe frustrado, vendo o ato de Jânio como uma atitude para provocar um impasse entre o povo, as Forças Armadas e o Congresso Nacional, possibilitando a exigência de poderes extraordinários para seu retorno e a instituição de uma eventual ditadura.

João Mellão Neto (1982), em *Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história*, destaca três diferentes visões sobre o político, sendo estas: a de um indivíduo com problemas psíquicos, a de um farsante calculista que buscava uma ditadura a serviço do grande capital e a de um predestinado derrotado pelo poder econômico. Embora Mellão Neto (1982) não se posicione sobre a intenção de Jânio ao renunciar, ele lamenta a perda da “grande chance de mudar o Brasil”, resultado da queda de um presidente da oposição com projetos considerados, de certa forma, reformistas e, em especial, com grande legitimidade popular para a época.

Maria Victoria Benevides (1981), em *O governo Jânio Quadros*, argumenta que a renúncia visava um golpe para o retorno ao cargo com maiores poderes, destacando o papel do político de oposição, Carlos Lacerda, na crise política, ao denunciar a suposta tentativa de golpe engendrada por Quadros. Benevides (1981) sintetiza a visão de que Jânio confiava nas massas, no temor dos militares e da direita à posse de Goulart, e no receio da esquerda a uma junta militar, imaginando um outro movimento *queremista*, que o traria de volta com poderes ainda mais amplos. Contudo, a ausência da comoção esperada, entre todos os setores, consolidou a renúncia, marcando Jânio Quadros como um líder que teria deixado seus eleitores frustrados. Benevides (1981) o caracteriza como um exemplo de autoritarismo populista.

Carlos Zigon (1990), em *Jânio Quadros não renunciou*, enfatiza o poder das “forças terríveis” na decisão de Jânio, apresentando-o como um esforçado idealista cuja renúncia foi uma defesa da dignidade pessoal e do futuro da nação diante da pressão do Congresso. Hélio Silva e Maria Cecília Carneiro (1975), em *A Renúncia*, focam nas causas e efeitos do ato, ressaltando os aspectos positivos do breve governo de Jânio e lamentando que sua passagem pela presidência tenha ficado marcada apenas pela renúncia.

Paralelamente à análise biográfica, o presente artigo também se debruça sobre a construção da imagem pública de Jânio Quadros, elemento crucial para compreender sua trajetória e o impacto de sua renúncia. Autores como Fidelis (2013) reforçam que Jânio Quadros seria uma personagem, mas também um observador atento aos problemas urbanos, apresentando-se de forma exemplar para persuadir o eleitorado.

Fidelis (2013) descreve antecedentes da presidência janista, em 1961, ao analisar a campanha de Jânio para a prefeitura de São Paulo, em 1953, como uma luta entre o novo e o velho, na qual Jânio se apresentou como um homem próximo das multidões, conquistando votos tanto dos mais pobres quanto de setores mais ricos e descontentes com a política vigente. Sua imagem era associada, dessa forma, ao combate à corrupção, à limpeza moral e administrativa e ao uso de símbolos populares, tais como a vassoura e o boné de motorneiro. Fidelis (2013) também observa que, apesar de representar valores diferentes dos tradicionais, Jânio prezava pela moralidade e pelos ditos “bons costumes”, defendendo, ainda, os direitos dos mais necessitados.

Vera Chaia (1991), em *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*, explora a construção da imagem de Jânio como candidato de oposição, prometendo a recuperação moral e administrativa do país, a exemplo de seus mandatos executados em São Paulo. Chaia (1991) destaca o confronto de Jânio com Adhemar de Barros, símbolo daquela “velha” política que ele criticava e famoso pelo lema “rouba, mas faz”. A autora (Chaia, 1991) ressalta o discurso moralizador de Jânio, contrapondo sua imagem de integridade àquela de seus adversários. Chaia (1991) também aponta características como a impessoalidade, a racionalização do Estado e a projeção de um Brasil em progresso sob sua administração, além de uma autoridade que cativava o público.

Jefferson Queler (2008), em tese defendida em 2008, analisa a construção da imagem pública de Jânio não apenas por ele próprio, mas também pela percepção da população expressa em cartas enviadas durante sua campanha presidencial. Queler (2008) demonstra a participação ativa e voluntária do eleitorado janista, que nele via um reformador social capaz de melhorar suas vidas e acabar com a corrupção. A propaganda política, neste contexto, teve um papel essencial, mas o apoio a Jânio, conforme defende Queler (2008), ia além da mera manipulação, refletindo a crença honesta da população em suas propostas e a esperança de uma renovação política efetiva.

A análise das obras revela, portanto, que o discurso anticorrupção foi central na conformação da imagem de Jânio, capaz de entusiasmar diversas camadas da população. O crescimento da adesão a Jânio, impulsionado pela propaganda que criticava os políticos anteriores, demonstra a percepção de um líder que queria se divulgar eficiente, trabalhador, honesto e justo.

As diferentes fases de sua trajetória política revelam uma adaptação da imagem construída, desde as críticas ao Executivo, efetuadas em suas primeiras legislaturas e com forte apelo à população mais pobre, até uma imagem mais maleável nas candidaturas ao governo do estado e à presidência, buscando unir diferentes classes sociais. Seus discursos, símbolos e *slogans* conquistaram apoio massivo, pautados nas promessas de melhoria de vida, limpeza administrativa, austeridade e combate à corrupção, representando uma simbologia de renovação.

Dessa forma, a análise das obras dedicadas a Jânio Quadros permite identificar três abordagens predominantes, a saber: 1. O Jânio populista; 2. A que o examina sob o prisma da biografia com foco na renúncia; 3. A que busca desvendar os mecanismos de construção de sua imagem pública. Esta última perspectiva revela como a imagem construída por e em torno de Jânio reflete sua visão sobre o Brasil e seu povo, aos quais ele se apresentava como a solução para males decorrentes dos partidos já tradicionais.

Jânio emerge, portanto, enquanto um líder capaz de agregar apoio de diferentes setores da sociedade, dos mais pobres aos mais ricos, dos conservadores aos progressistas. O presente artigo se dedicará, dessa forma, a aprofundar a análise sobre as diferentes narrativas e da intrínseca relação entre as interpretações biográficas da renúncia e as estratégias de construção da imagem pública de Jânio Quadros, buscando lançar luz sobre um dos episódios mais controversos e marcantes da história política brasileira.

Diante do exposto, a análise das narrativas sobre Jânio Quadros revela um político que ascendeu de forma acelerada, forjando uma imagem distintiva e baseada nos discursos anticorrupção, demarcando seu estilo “diferenciado” de governar. Em um cenário político recente no Brasil, marcado por debates sobre corrupção, polarização e busca por lideranças que se apresentem como membros de uma “nova política”, ou mesmo políticos autointitulados “antissistema”, a figura de Jânio emerge como um notável predecessor.

A forma como ele mobilizou seu eleitorado, com o apelo popular e o uso de símbolos como a vassoura, para combater aquela que ele chamava de a “velha política”, prometendo

realizar uma limpeza moral e administrativa, apresenta interessantes paralelos com fenômenos políticos recentes.

Ademais, as principais perspectivas aqui analisadas sobre sua renúncia – a da incapacidade de governar ante a da estratégia para obter mais poder (ou mesmo dar um golpe) – continuam a ecoar nas discussões políticas no Brasil. A crença de Jânio no apelo popular e militar que, acreditava, o reconduziriam ao poder com mais força, e a consequente frustração de seus planos, oferecem a possibilidade de refletir sobre as expectativas políticas da sociedade brasileira para com suas lideranças, inclusive na atualidade.

Revisitar as biografias de Jânio Quadros no atual cenário político brasileiro, portanto, não se configura, unicamente, como um exercício historiográfico, mas enquanto ferramenta para a compreensão de continuidades e rupturas na construção de imagens públicas de líderes políticos, bem como a análise de certos discursos adotados na política brasileira.

Sob o crivo da biografia ou a renúncia de Jânio

Neste ponto do artigo, serão analisadas as narrativas sobre Jânio Quadros que reverberaram sua renúncia à presidência da República, ocorrida em 25 de agosto de 1961, tendo em consideração que as narrativas que focalizam esse evento em sua trajetória são enformadas, predominantemente, no gênero biografia.

No tocante ao conjunto desses trabalhos, as duas perspectivas de interpretação distintas são: a renúncia de Jânio enquanto o resultado de sua incapacidade em conciliar a administração do país com o exercício do Congresso Nacional, além de sua incapacidade emocional para governar, já que apresentava, segundo seus opositores, problemas psicológicos, a ponto de beirar a loucura. A segunda abordagem também ressalta o episódio da renúncia, mas de maneira ainda mais arquitetada, na qual o político teria renunciado para conseguir o apoio das Forças Armadas, além de efetuar pressão sobre o Congresso Nacional, que não aprovava os projetos propostos por Jânio.

Para iniciar as discussões serão analisadas as interpretações construídas por Nelson Valente, em que o autor concorda com a tese da renúncia para o golpe de Jânio. Ao tratar do assunto, Valente (2002, p. 20-21) afirma que:

Para a renúncia há mais de dez versões diferentes. Uma das mais prováveis é um embuste com o objetivo de obter mais poder para governar, citada recentemente por Jânio Quadros Neto, como o último desabafo do avô, embora nunca confirmada pelo próprio. O presidente queria apoio do povo e dos militares para não depender do Congresso que lhe era hostil.

Em outro texto, Valente (1997, p. 110) refuta a interpretação de que a renúncia de Jânio teria acontecido por conta de seu temperamento: “Prova cabal de que a renúncia não é um gesto individual de um presidente destemperado: a carta em que a decisão é tornada pública está desde o dia 20 de agosto em poder de [Oscar Pedrosa] Horta”. Em outros momentos, contudo, a imagem construída por Valente (1997) acerca de Jânio é até mesmo a de salvador da pátria, na qual o ex-presidente teria renunciado tão somente pela impossibilidade de governar com o Congresso, que barrava todas as suas propostas:

Com a renúncia, perdeu o Brasil a grande oportunidade de vir a ser realmente uma Nação com o direito de falar de igual para igual com outros países desenvolvidos. Jânio foi, em suma, um patriota corajoso, um homem que muito fez pela sua Pátria, que a amou e sonhou, um dia, torná-la feliz, respeitada, rica e forte, transformando-a em um lugar onde seus cidadãos pudessem trabalhar em paz e com os olhos voltados para o bem da humanidade (Valente, 1997, p. 147).

Essa interpretação engendrada por Valente (1997) deixa de lado as ideias de que Jânio Quadros seria autoritário e que, com isso, a renúncia seria uma forma de o político retornar com mais força, contando com o apoio da sociedade e das Forças Armadas. Podemos notar, dessa forma, que Valente (2002, p. 85) prefere destacar o que o país perdeu com a renúncia de Jânio, em vez de analisar mais detalhadamente a motivação de seu ato:

Impedido o caminho constitucional, restava a Jânio Quadros apenas o golpe de Estado se insistisse em cumprir o programa de governo que traçara, e ninguém poderá negar que tinha ele condições para dá-lo, se bem ao preço talvez de uma guerra civil. Mas isto seria trair os seus próprios princípios democráticos, seu próprio sentimento humano, seria trair o povo. Preferiu, a única alternativa que lhe restou, a da renúncia, já que de maneira nenhuma queria permanecer no governo como uma figura decorativa e inútil, aliando-se, tacitamente, aos que sempre desejou combater.

Na obra *Jânio Quadros: memorial à história do Brasil*, Quadros Neto e Gualazzi (1996) se propõem a narrar a trajetória de Jânio Quadros, dando enfoque às suas campanhas e aos mandatos desempenhados e, também, àquele que seria considerado um dos principais mistérios da política republicana: a renúncia de Jânio. Em determinado momento, ao assumir a

narrativa, Jânio Quadros Neto menciona que teria indagado o avô sobre a renúncia, sendo que o político teria o respondido que enviou João Goulart em missão oficial à China pois, dessa forma, o então vice-presidente não estaria no país para assumir o cargo após a concretização de sua renúncia. O relato feito por Jânio Quadros ao seu neto prossegue da seguinte maneira:

Escrevi a carta de renúncia dia 19 de agosto e entreguei para o ministro da justiça, Oscar Pedroso Horta, no dia 22. Eu acreditava que não haveria ninguém para assumir a presidência. Pensei que os militares, os governadores e principalmente o povo nunca aceitariam a minha renúncia e exigiriam que eu ficasse no poder. O Jango era, na época, semelhante ao Lula. Ele era completamente inaceitável para a elite. Achei que era impossível ele assumir, que todos iriam implorar que eu ficasse (Quadros Neto; Gualazzi, 1996, p. 45-46).

Quando Jânio Quadros Neto pergunta ao seu avô se ele desejava, com a renúncia e o respectivo golpe, consolidar-se um ditador, o político respondeu-lhe:

Eu poderia ter sido [um ditador], mas não o quis. Se eu tivesse mandado os militares fecharem o Congresso, eles teriam me obedecido. Charles de Gaulle renunciou na França e o povo foi às ruas, exigir a sua volta. A mesma coisa ocorreu com o Fidel Castro, em Cuba. Era isso que eu esperava. Eu jamais teria sido um ditador militar. Cheguei à presidência com mais de cinco milhões de votos. Um recorde, uma vitória esmagadora. Eu nunca fui nomeado nada em minha vida. Sempre fui eleito. Eu absolutamente nunca teria sido um presidente colocado e sustentado pelos militares. Renunciei no Dia do Soldado porque eu quis sensibilizar os militares e conseguir o apoio deles. Era para ter criado um certo clima político. Imaginei que, em primeiro lugar, o povo iria às ruas, seguido pelos militares, e que os dois me chamariam de volta. Fiquei com a faixa presidencial até o dia 26, um pouco antes de embarcar no *Uruguay Star*. Achei que eu voltaria de Santos para Brasília na glória. Na realidade, renunciando, eu pedi um voto de confiança à minha permanência no poder. Na Inglaterra, isso é feito frequentemente pelos primeiros-ministros. Fui reprovado e o País pagou um preço muito caro. Deu tudo errado (Quadros Neto; Gualazzi, 1996, p. 45-46).

A visão acerca da renúncia, presente no livro *Jânio Quadros: memorial à história do Brasil* (Quadros Neto; Gualazzi, 1996), deixa em evidência a posição dos autores de que Jânio, de fato, teria renunciado no intuito de dar um golpe para retornar com ainda mais força, mas a população, surpresa e, ao mesmo tempo, frustrada com o ato, acabou não aderindo da maneira como Jânio esperava, consolidando a renúncia que logo foi aceita pelo Congresso.

Para sintetizar a abordagem de Quadros Neto e Gualazzi (1996), apresentamos mais uma passagem, sobretudo porque enfatiza outra interpretação sobre o episódio da renúncia:

E sobreveio a **renúncia-deposição** do Presidente Jânio Quadros, consumada aos 25 de agosto de 1961. Sob aspecto formal, foi uma **renúncia**. Sob aspecto substancial, tratou-se de uma **deposição**, urdida por fatídica simbiose de fatores internos e internacionais - as “forças terríveis” -, que se conluiaram para desmoralizar, impedir e aniquilar o Governo Jânio Quadros (Quadros Neto; Gualazzi, 1996, p. 140, grifo do autor).

Ao aludirem às “forças terríveis” que Jânio mencionou em sua carta-renúncia, os autores acabam afirmando que, com a renúncia, concretizou-se também a deposição de Jânio, uma vez que o político, com a sua maneira particular de governar, procurava administrar o país de forma independente do Legislativo. Como retaliação, o Legislativo impedia que as reformas apresentadas por Jânio Quadros seguissem adiante.

Os autores (Quadros Neto; Gualazzi, 1996) consideram, assim, que a renúncia perpetrada por Jânio Quadros foi o desejo do político em se consagrar na presidência, mas, ao mesmo tempo, tal fato ocorreu como uma forma de tentar reduzir a interferência do Congresso, sendo que, caso Jânio voltasse ao cargo por desejo das Forças Armadas e da população, convocaria novas eleições para deputados e senadores, angariando maior base para fazer avançar suas reformas.

A abordagem biográfica também conduziu as reflexões de Bandeira (1979), que procurou analisar a renúncia de Jânio como a faísca da crise ocorrida em 1964, culminando na deposição de João Goulart e no início da ditadura militar. Em Bandeira (1979), a visão da renúncia converge com aquela do golpe, na qual Jânio havia calculado o seu retorno a partir da pressão gerada pela sua atitude. O autor afirma, quanto à renúncia:

[...] todos os dados de que eu dispunha, colhidos nas mais diversas fontes, indicavam que Jânio Quadros, ao abandonar a Presidência da República, jogava uma cartada com o objetivo de provocar um impasse entre o povo, as Forças Armadas e o Congresso, o que lhe possibilitaria exigir poderes extraordinários como condição para o seu retorno ao Governo. Em outras palavras, ele tentou produzir um trauma institucional e submeter o País à sua ditadura. E fracassou (Bandeira, 1979, p. 9).

Podemos perceber, além da opinião de Bandeira acerca da renúncia, a sua visão de Jânio enquanto líder autoritário, que buscava instituir uma ditadura no Brasil. De acordo com o autor, Jânio representaria o “maior perigo fascista” (1979, p. 18), uma vez que o político se aproximaria do mesmo grupo político de direita que iria, no ano de 1964, colocar os militares no poder.

Outra interpretação é feita pelo político e jornalista Mellão Neto (1982), em seu livro *Jânio Quadros: 3 estórias para 1 história*, no qual o autor analisa a trajetória política de Jânio Quadros apresentando três diferentes olhares sobre o político: o primeiro considera que Jânio não possuía as mínimas condições psíquicas e emocionais para exercer o cargo (ele era, portanto, considerado demente, sendo este argumento difundido na época de sua renúncia); o segundo afirma que Jânio seria um farsante frio e calculista, ligado ao grande capital e cuja meta era instaurar uma ditadura que favorecesse aos interesses desse capital (esta visão também foi veiculada à época da renúncia, a qual Jânio teria planejado tudo com o intuito de retomar o poder); por fim, a terceira visão o considera como um predestinado, que ousou desafiar o poder econômico, mas foi por ele vencido.

No decorrer do texto, Mellão Neto (1982) traça o perfil de Jânio Quadros, ressaltando diversas características positivas do político, como a honra, o trabalho e a austeridade desempenhadas em suas administrações no estado de São Paulo. No que tange à questão da renúncia, contudo, Mellão Neto (1982, p. 197) parece ficar neutro, ao afirmar que “Se Jânio Quadros, ao renunciar, pretendia dar um golpe de Estado, ou apenas demonstrava não mais suportar as pressões que vinha sofrendo, só ele próprio poderá responder”.

É importante destacar que o livro data de 1982, ou seja, nove anos antes do depoimento de Jânio ao seu neto e a Gualazzi (1996), quando ainda não havia essa versão da renúncia na voz do próprio Jânio. De toda forma, ainda que Mellão Neto (1982) não tenha se manifestado acerca do episódio, ele nos dá indícios de que considerava que as forças que tiraram Jânio do poder também tiraram, do povo brasileiro, o vislumbre que se tinha de um país menos desigual, no qual as reformas defendidas por Jânio poderiam ser, de fato, aplicadas:

Por mais que se discutam as possíveis intenções de Jânio [ao renunciar], o fato é que a grande chance de mudar o Brasil perdeu-se no distante 1961. Naquele ano a Nação possuía condições reais e objetivas para modificar o seu curso. Pela primeira e única vez na nossa História, estava eleito e empossado um presidente da oposição, com projetos reformistas, disposição para realizá-los e legitimidade popular para tanto (Mellão Neto, 1982, p. 198).

Benevides (1981), por sua vez, em *O governo Jânio Quadros*, afirma que, ao renunciar, Jânio também procurava dar um golpe para voltar ao cargo com maiores privilégios, ressaltando ainda o papel de Carlos Lacerda, governador da Guanabara, para o cenário político da época entrar em crise. Ao ter denunciado à imprensa, nos dias 23 e 24 de agosto de 1961, a suposta tentativa de golpe que estava sendo tramada por Jânio Quadros, em que ele renunciaria

à presidência para comover a população e, dessa forma, retornar ao seu cargo com plenos poderes, Lacerda teria sido o catalisador da renúncia de Jânio. As denúncias de Lacerda teriam impactado profundamente a Câmara dos Deputados, que solicitou, no dia seguinte, a presença do Ministro da Justiça, Oscar Pedroso Horta, para prestar declarações sobre o fato (Benevides, 1981, p. 76). Eis a síntese do pensamento da autora:

Aparentemente Jânio esperava voltar “nos braços do povo”. Confiava demais na “ignorância das massas” [...] Confiava no temor dos militares e da direita em geral com a “ameaça” da posse de João Goulart [...] Confiava, também, no temor da esquerda com a possível instalação de uma junta militar no governo, se declarado acéfalo, pois o vice-presidente encontrava-se em missão oficial na China. E assim, contando otimisticamente com a repercussão na opinião pública (afinal, eram seis milhões de votos!), entre os militares, na direita e na esquerda, imaginava, talvez, o ressurgimento de um novo “queremismo”. Um “queremos Jânio” (num pastiche ao queremismo getulista que garantira a volta de Vargas em 1950) que lhe daria respaldo para reassumir a Presidência com poderes discricionários (Benevides, 1981, p. 76-77).

Como se sabe, porém, não houve a comoção popular e, sequer, a militar ou partidária (tanto da esquerda, quanto da direita). A renúncia de Jânio foi consolidada e o político entrou para a história como um líder que frustrou os seus quase seis milhões de eleitores. Somente retomaria parte de seu vigor político em 1985, quando foi reeleito prefeito de São Paulo, último cargo por ele ocupado na política brasileira. A contribuição de Benevides (1981) se insere, portanto, no conjunto daqueles trabalhos que localizam, na renúncia, a tentativa de golpe planejada por Jânio, sendo que a autora faz referência ao autoritarismo populista de Jânio, que apareceu, também, em alguns momentos de nossas discussões.

Mais um autor que escreve sobre Jânio Quadros a partir de um olhar mais amplo sobre sua trajetória política é Zigon (1990), no livro *Jânio Quadros não renunciou*. Nele, o autor destaca o poder que as “forças terríveis” tiveram para a renúncia à presidência. Zigon (1990, p. 9) ainda tece inúmeros elogios a Jânio Quadros, ao afirmar, por exemplo, que o gesto da renúncia, “[...] não procedia de um irresponsável, inconsciente e presunçoso agitador, mas de um esforçado idealista [...]”. Dessa forma, o autor (Zigon, 1990, p. 9) indica que o Congresso Nacional, devido aos objetivos de seus membros, acabou contribuindo para a atitude tomada por Jânio.

Em outro momento, Zigon (1990, p. 16) afirma que “O gesto de Jânio não foi irrefletido e nem resultante de um impulso evitável, mas [foi] defesa da dignidade pessoal e de todos os brasileiros, bem assim [como] do futuro na Nação, pelos quais ele e seus familiares

dedicavam a vida”. Percebe-se, nesse trecho, que o autor reforça a leitura de que a renúncia de Jânio ocorreu por conta de seus princípios democráticos, contrariamente às interpretações que o colocam como autoritário ou louco. Sob o ponto de vista do autor, a pressão feita pelo Congresso, que não aprovava seus projetos, também teria servido para acelerar a renúncia do então presidente.

No livro *A Renúncia*, Silva e Carneiro (1975) apresentam a curta presidência de Jânio Quadros e os eventos que precederam e sucederam o episódio nos seguintes termos: “A renúncia foi um móbil, um acontecimento variável no tempo e no espaço, visível ou invisível, conforme o momento e a posição do espectador. Porque vale mais por suas causas e seus efeitos do que pelo ato em si – puro e inexplicável” (Silva; Carneiro, 1975, p. 30).

Na obra, os autores (Silva; Carneiro, 1975) apresentam diversos momentos da política brasileira, bem como a instabilidade sofrida por Jânio para governar, o que teria motivado, dentre outras coisas, a renúncia. Ao construir sua narrativa sobre Jânio, os autores dão maior enfoque às motivações e às consequências da renúncia para o Brasil, e não especificamente ao ato praticado. Silva e Carneiro (1975, p. 33) também afirmam, nesse sentido, que a dramaticidade da renúncia:

[...] fixou a personalidade de Jânio Quadros. Como se a sua passagem pela Presidência da República não tivesse tido outro motivo. A imagem é defeituosa. Jânio, em sete meses de Governo, traçou novos rumos à política externa e orientou, de maneira singular, os negócios internos [...] Foi em seu Governo, breve, mas meteórico, que se firmaram diretrizes tão avançadas que, muitos anos passados, voltamos a elas, sem possibilidade real de desconhecer as motivações que as inspiraram.

Silva e Carneiro (1975) deixam de lado a ideia da renúncia como golpe em andamento e buscam ressaltar, ao longo da obra, os aspectos positivos do curto mandato desempenhado por Jânio, ainda que este tenha ficado negativamente marcado pela renúncia devido às pressões partidárias que o político sofria.

Na próxima seção serão analisadas outras obras que trataram da trajetória política de Jânio, considerando importantes episódios na tentativa de compreender o político, principalmente a partir da imagem que erigiu e adotou frente à população e para atender aos diversos interesses em jogo.

Sob a inspeção da imagem construída

Esta seção do artigo dedica-se à análise dos trabalhos que descreveram como Jânio Quadros foi visto pela população e como ele próprio objetivou ser visto ou talhou sua imagem a fim de obter apoio entre o eleitorado das diferentes camadas da sociedade, associando-se à figura de um político diferenciado, moderno, inovador e responsável pelas reformas administrativas e morais de que o país mais necessitava. Nessa perspectiva, encontram-se os trabalhos de Fidelis (2013), Chaia (1991) e Queler (2008).

As análises aqui propostas iniciam por meio de uma afirmação feita por Fidelis (2013, p. 103) sobre a imagem construída de Jânio: “[...] o Jânio Quadros político era uma personagem, agindo de maneira paradigmática, sem precedentes [...]”. Esse traço é colocado como um ponto chave na sua abordagem, uma vez que Fidelis apresenta o político como atento observador dos problemas existentes nos centros urbanos, e não necessariamente um “caricato” (Fidelis, 2013).

Ao apresentar esse quadro, Fidelis (2013) deixa transparecer que Jânio, nos momentos de campanha, tornava-se uma personagem, cujo intuito era persuadir seus eleitores. E, para tanto, buscava se aproximar das camadas mais pobres, especialmente do bairro paulistano de Vila Maria. Com relação ao período em que Jânio disputou a eleição para a prefeitura de São Paulo, em 1953, e que ficaria conhecida como a “revolução pelo voto”, Fidelis (2013, p. 113) descreve algumas das características com que Jânio Quadros se apresentava à sociedade:

De maneira geral, a votação representou uma luta entre o novo e o velho: a novidade política estranha, porém, competente, contra a manutenção da ordem, que privilegiava poucos em detrimento de muitos. Com uma imagem construída de homem próximo das multidões, Jânio conseguiu arrebatar grande parte dos votos dos mais desvalidos e parcela significativa dos votos daqueles mais abastados, descontentes com os aspectos da política vigente (Fidelis, 2013, p. 113).

É importante destacar que quando disputou essa eleição, Jânio já havia ocupado dois cargos no Legislativo – vereador e deputado estadual (o mais votado até então). Suas vitórias revelam o sucesso de algumas estratégias por ele utilizadas para se aproximar da população, tanto os discursos de combate à corrupção e de “limpeza” moral e administrativa, quanto o uso dos símbolos populares, como a vassoura e o boné de motorneiro com os quais se deslocava aos comícios. Sobre a imagem de Jânio propalada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, Fidelis (2013, p. 155) ainda pondera:

Conforme a ascensão política de Jânio foi se consolidando no cenário político paulistano, sua imagem passou a ser cada vez mais constante no OESP [O Estado de São Paulo], embora não necessariamente com uma visão positiva. Afinal, Jânio representava alguns valores diferentes daqueles considerados tradicionais, embora mantivesse muitos destes elementos vivos em sua atuação política: ao mesmo tempo em que transgredia o vestuário com roupas amassadas e um grande descuido com a própria aparência, prezava pela moralidade da sociedade e a manutenção dos bons costumes familiares; ao mesmo tempo em que tratava seus adversários com pouco apreço e com palavras ofensivas, defendia os direitos daqueles que mais precisavam de maneira enfática, sem dar margem para as vantagens de uns em relação aos outros. E, embora fosse bastante próximo de alguns políticos bem-vistos pela publicação, nunca assumira nenhum compromisso público com elementos da UDN, partido o qual o jornal era alinhado (mesmo que não admitisse em suas páginas).

Em seu trabalho, Fidelis (2013) associa a imagem de Jânio à figura popular, ressaltando, sobretudo, a forma como o político se vinculava à população, rural ou urbana, tanto do estado de São Paulo, em suas primeiras eleições, quanto do Brasil, entre 1959 e 1960. A imagem que Jânio fez transitar entre os trabalhadores associa-se aos lemas da honestidade, do trabalho, da moralidade e da austeridade e o colocava como figura responsável por superar as deficiências administrativas do Estado.

Outra autora que se ocupa da construção da imagem de Jânio é Chaia (1991), em seu livro *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Nele, a autora (Chaia, 1991) percebe algumas características essenciais da imagem do político: além, evidentemente, do apelo popular, Jânio também se apresentava como o candidato da oposição, o político que faria, no Brasil, a recuperação moral e administrativa, tal qual realizara em seus mandatos em São Paulo.

Chaia (1991), ademais, destaca os entraves políticos que Jânio teve com Adhemar de Barros, cuja figura combatida por Jânio reflete suas críticas aos aspectos que ele considerava irregulares na sociedade. A esse respeito destacamos, do trabalho de Chaia (1991), a menção à famosa questão do “rouba, mas faz”, lema atribuído a Adhemar devido aos anos em que o político foi interventor em São Paulo, possuindo grande influência no estado. A autora (Chaia, 1991) ainda apresenta a crítica que Jânio realizava à chamada “máquina eleitoral”, que, por meio de barganhas e favores políticos, garantia a eleição dos políticos dominantes. Por fim, Chaia (1991) apresenta os discursos feitos por Jânio contra a moralidade de Adhemar, que não se limitariam apenas às disputas eleitorais no estado paulista, mas se estenderiam em nível nacional.

A autora (Chaia, 1991) aborda Jânio a partir da construção de um discurso no qual o político projetava um adversário (nesse caso, Adhemar), repleto das imagens opostas àquelas que Jânio desejava fazer aderir a si mesmo:

Quando Jânio apareceu na cena política brasileira, desempenhava um papel de oposição, construindo uma imagem baseada na integridade. Cativou o eleitorado paulista com um marcante discurso de apelo moralizador, apresentando-se como alternativa àquele que dominava as relações políticas do Estado de São Paulo desde o período do Estado Novo, Adhemar de Barros (Chaia, 1991, p. 11).

É preciso ressaltar que Chaia (1991) indica algumas marcas de Jânio Quadros, tais como a impessoalidade, a racionalização do Estado e a ideia de um Brasil em progresso sob a sua administração. Ademais, existe outra característica destacada por Chaia (1991, p. 74): a autoridade de Jânio (e não autoritarismo), ao ressaltar a forma como o político, através desse atributo, foi capaz de cativar o público, passando uma imagem de coragem e impetuosidade.

Queler (2008), pesquisador que trata da figura pública de Jânio em sua tese, à medida que aborda como se deu a construção da imagem do político, não diretamente por ele, mas por meio da população que, por meio do envio de cartas, deixou evidente o aspecto da não passividade do eleitorado janista, rompeu com as análises que o inseriam, apenas, como manipulador das massas.

Queler (2008) analisa as missivas enviadas durante a campanha para a presidência, considerando o apelo dos remetentes a Jânio. Dentre algumas dessas cartas, havia pedidos de favores, de cargos públicos e até mesmo de dinheiro, mas também havia declarações de apoio voluntário ao político. Um dos pedidos mais recorrentes era para que, caso fosse eleito, Jânio melhorasse a situação da cidade em que o remetente morava, acabasse com a corrupção e possibilitasse a melhoria de vida à população. Segundo Queler (2008, p. 338):

Os pedidos dirigidos a JQ pela população em geral indicam como, em meio a uma sociedade amplamente marcada pelo autoritarismo e por relações sociais profundamente hierarquizadas, o líder em questão era muitas vezes vislumbrado como um reformador social, alguém capaz de aumentar a presença do governo e do Estado na vida dos cidadãos, de forma a trazer-lhes soluções políticas para seus problemas.

O autor também destaca o quanto o político desenvolveu, em si próprio, a imagem de um homem justo (Queler, 2008, p. 39), que não se vendia ao dinheiro público e nem se submetia aos partidos políticos, mostrando certa independência em relação aos mesmos. A análise realizada por Queler (2008) é, portanto, essencial para compreender como o político avançou politicamente e pessoalmente, sendo que o autor desconstrói, em seu texto, alguns lugares-comuns acerca de Jânio. Como exemplo, citamos a ideia de que todo o seu apoio teria sido obtido, apenas, devido à propaganda política e à manipulação das massas; como vimos, Jânio

contou com a participação ativa e voluntária de muitos de seus adeptos, que nele enxergavam um político justo e capaz de melhorar as condições do país.

O trabalho de Queler (2008) também permite afirmar que a propaganda teve papel essencial neste momento da política brasileira, talvez como nunca houvera, mas, no que se refere a Jânio, não se pode colocar somente na conta desse quesito. O autor acrescenta que muitas pessoas que votaram em Jânio, tanto os mais humildes, quanto os mais ricos, não votaram apenas para protestar contra os demais políticos, mas exerceram o seu direito porque acreditavam, efetivamente, nas propostas e, ainda mais, tinham a esperança de que Jânio Quadros renovaria a política brasileira, ao projetar para si a imagem de um líder eficiente, trabalhador, honesto e justo.

Pode-se notar, nos trabalhos aqui expostos e que possuem a observância de Jânio a partir das ações que envolvem a construção de sua imagem, muitos pontos convergentes. Mas, todos admitem que o discurso anticorrupção, capaz de entusiasmar a população em qualquer que seja sua parcela, foi o elemento central a conformar a imagem de Jânio. A partir do trabalho de Queler (2008), também podemos ver a figura de uma população consciente de seu voto, manifestada nas cartas remetidas a Jânio, donde se pode perceber o crescimento da adesão a Jânio, ocorrida de forma natural, e, ainda conforme observação de Queler (2008), graças à propaganda política, na qual Jânio criticava os políticos anteriores e, em especial, seus principais adversários.

O exercício dos mandatos provocou significativas mudanças no enfoque das campanhas. As primeiras legislaturas foram desenvolvidas a partir de críticas contundentes ao Executivo (municipal e estadual), e em associação à população mais pobre. Nas candidaturas à prefeitura e ao governo do estado, Jânio passou a construir uma imagem de si mais maleável, unindo-se tanto aos mais pobres, quanto aos mais ricos.

Seus discursos, símbolos, *slogans* e todas as demais estratégias utilizadas em campanhas conquistaram apoio maciço da população. Os trabalhos destacados nesta seção apontam que parcela considerável do eleitorado aderiu às suas promessas de melhoria nas condições de vida, limpeza administrativa, austeridade e combate à corrupção, além de reconhecer, no seu discurso político, a simbologia maior de renovação.

Da exploração das obras dedicadas à apreensão da figura política de Jânio Quadros resulta, predominantemente, as três abordagens aqui investigadas: a do Jânio populista, as perspectivas de Jânio Quadros pelo crivo da biografia, tomando a renúncia como evento

decisivo a partir da qual se pode ler os atributos pessoais ou elementos constitutivos da personalidade do político e, finalmente, a perspectiva que objetiva o desvendamento dos mecanismos de construção da figura pública de Jânio Quadros, que mobilizou apoio popular, sobretudo no início da carreira, e da elite econômica, quando o político começou a galgar cargos mais elevados.

Essa terceira abordagem ainda nos apresenta um elemento fundamental: a maneira pela qual a imagem construída em torno de e pelo próprio Jânio é indiciária de sua visão acerca do povo brasileiro e de seu país, de cujos males ele seria a solução, sobretudo, contra a corrupção, a imoralidade e o domínio dos grandes grupos partidários. Jânio desponta nas obras aqui examinadas como o líder que conseguiu obter, ao mesmo tempo, apoio dos mais pobres e dos mais ricos, dos conservadores e dos progressistas; dos trabalhadores do campo e dos da cidade. Assim, o político passou a encetar suas campanhas em concordância com seu olhar sobre os problemas do Brasil e do povo brasileiro, extraindo disso seu sucesso. A constituição de suas críticas em relação a aspectos da sociedade brasileira, bem como suas figurações de Brasil e de brasileiros apresentadas no decorrer das campanhas, portanto, mostram a oposição de Jânio Quadros à política que, até então, estava enraizada no Brasil.

Considerações finais

A análise das narrativas sobre a renúncia de Jânio Quadros revela a complexidade de se interpretar um momento crítico da história política brasileira. Longe de consolidar uma explicação, o evento de 1961 é marcado por interpretações que oscilam entre a leitura da incapacidade de Jânio em governar, até mesmo sendo considerada enquanto estratégia política para a obtenção de ainda mais poder político. Simultaneamente, a investigação sobre a construção da imagem de Jânio como político marcado pelos discursos anticorrupção demonstra a forte ligação entre sua figura pública e as narrativas que buscam explicar suas ações, em especial a da renúncia

Dessa forma, a multiplicidade das perspectivas biográficas, conforme explicitado ao longo deste artigo, enriquece o debate historiográfico, mas também ressalta a dificuldade em se alcançar respostas para as motivações de Jânio Quadros quando de sua renúncia. A análise das obras de diferentes autores demonstra como o mesmo evento pode ser interpretado à luz de

diferentes enfoques, seja priorizando a personalidade do político, o contexto político da época ou o impacto de sua imagem na opinião pública.

Em última análise, a renúncia de Jânio Quadros permanece como um evento fundamental para a compreensão das dinâmicas políticas do século XX no Brasil, expondo as tensões entre diferentes poderes, as expectativas populares em relação à liderança e o papel da construção da imagem pública na política. Ao mesmo tempo, tais análises possibilitam lançar luz e instigar o debate em torno da política atual no Brasil, em que grupos políticos opostos, cada vez mais extremos, buscam controlar os discursos e, até mesmo, o eleitorado.

A diversidade de narrativas analisadas neste estudo, portanto, evidencia a persistente relevância de se revisitar este episódio, não apenas para entender o passado, mas também para iluminar as complexas relações entre a biografia, a imagem e o poder na história política brasileira da contemporaneidade.

Referências

BANDEIRA, Moniz. **A renúncia de Jânio Quadros e a crise pré-64**. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.

BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. **O governo Jânio Quadros**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

CHAIA, Vera Lúcia Michalany. **A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)**. Ibitinga: Humanidades, 1991.

FICO, Carlos. **História do Brasil contemporâneo**. Da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2016.

FIDELIS, Thiago. **Tostão contra o milhão**: a trajetória política de Jânio Quadros pelo jornal *O Estado de São Paulo* (1947/1955). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2013.

MELLÃO NETO, João. **Jânio Quadros**: 3 estórias para 1 história. São Paulo: Editora Renovação, 1982.

PRIORE, Mary del; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

QUADROS NETO, Jânio; GUALAZZI, Eduardo Lobo Botelho. **Jânio Quadros**: memorial à história do Brasil. São Paulo: Rideel, 1996.

QUELER, Jefferson José. **Entre o mito e a propaganda política: Jânio Quadros e sua imagem pública (1959-1961)**. 349 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **A Renúncia**. São Paulo: Editora Três, 1975.

VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros face a face com a renúncia**. São Paulo: Editora Panorama, 1997.

VALENTE, Nelson. **Jânio Quadros: fi-lo porque quis**. São Paulo: O Artífice, 2002.

ZIGON, Carlos. **Jânio Quadros não renunciou: polêmica**. Porto Alegre: C. Zigon, 1990.

NOTA

ⁱ Este artigo é uma adaptação parcial da dissertação de mestrado em História, intitulada *Figurações de Brasil e de brasileiros nas campanhas e histórias de Jânio Quadros (1953-1972)* defendida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus Franca em 2022. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/cf19dc47-9410-4318-81a8-e02629c801ab>.